

OS “NÓS” QUE HÁ EM NÓS [PARTE 1]



"[20] *Eu lhes garanto* [disse Jesus]: *Quem receber aquele que eu enviar, estará me recebendo; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.* [21] *Depois de dizer isso, Jesus perturbou-se em espírito e declarou: ‘Digo-lhes que certamente um de vocês me trairá’.* [22] *Seus discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.* [23] *Um deles, o discípulo a quem Jesus amava, estava reclinado ao lado dele.* [24] *Simão Pedro fez sinais para esse discípulo, como a dizer: ‘Pergunte-lhe a quem ele está se referindo’.* [25] *Inclinando-se para Jesus, perguntou-*

lhe: ‘Senhor, quem é?’ [26] *Respondeu Jesus: ‘Aquele a quem eu der este pedaço de pão molhado no prato’. Então, molhando o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão.* [27] *Tão logo Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. ‘O que você está para fazer, faça depressa’, disse-lhe Jesus.* [28] *Mas ninguém à mesa entendeu por que Jesus lhe disse isso.* [29] *Visto que Judas era o encarregado do dinheiro, alguns pensaram que Jesus estava lhe dizendo que comprasse o necessário para a festa, ou que desse algo aos pobres.* [30] *Assim que comeu o pão, Judas saiu. E era noite.*" (João 13.20-30 – Nova Versão Internacional)

Em uma de suas obras, o poeta paraense Noélio Arantes de Mello escreveu que “*são os nós da vida que um dia apertam sentimentos, que amarram nossa alegria. Que nos atam às dores, às saudades, ao desamor e que nos deixam sós no meio de muitos nós de multidões. Nós somos os próprios nós da vida*”. “Nós”, são entrelaçamentos de um ou dois fios, linhas, cordões etc., cujas pontas passam uma pela outra e se apertam. “Nós”, em sentido figurado, são a causa daquilo que impede ou atrapalha o nosso movimento, a nossa progressão. São nossos bloqueios, nossas dificuldades. “Nós”, também pode indicar eu mais outra ou outras pessoas, todos pertencentes a um contexto ou realidade em comum.

Desde que o mundo é mundo, as pessoas enfrentam dificuldades quando o intuito delas é o desenvolvimento de relacionamentos interpessoais saudáveis e, principalmente, duradouros. O exemplo disso é a constatação de que a maioria dos jovens anda em grupos, a dos adultos em pares e os idosos, em sua maior parte, andam sozinhos. Com raras exceções, o efeito do tempo sobre os relacionamentos tem causado o derretimento, a liquefação da maioria dos vínculos afetivos.

O advento da pós-modernidade (ou hipermodernidade, em nossos dias), somado ao avanço da tecnologia da informação, faz com que relacionamentos sociais sejam substituídos por relacionamentos virtuais. Aos poucos, deixamos de olhar nos olhos uns dos outros e passamos a contemplar a tela de um objeto, onde beijos e abraços são substituídos por *emoticons* – caracteres gráficos utilizados para representar emoções humanas. Ignoramos o fato de que, apesar da atual importância de interagirmos uns com os outros em ambientes virtuais, o homem foi criado para viver em um mundo concreto, real, onde os relacionamentos só se desenvolvem através da mutualidade

entre seus semelhantes. Esse conceito pode ser estendido inclusive para o nosso relacionamento com Deus. **Há muitas pessoas que desperdiçam eternidade de tempo ao escrever orações direcionadas a Deus e publicá-las no Facebook. É gente que esquece, ou finge não saber, que Deus não possui conta em quaisquer ferramentas de mídias sociais. O fato é que Deus se relaciona com pessoas e não com perfis.**

Pessoas reais necessitam de relacionamentos interpessoais que também sejam reais. O autor do Livro de Provérbios afirma que *“como o ferro afia o ferro, assim um amigo afia o outro”* (Provérbios 27.17 – NVT). O ensinamento presente no texto é que **toda amizade verdadeira produz atrito. Quem te diz apenas coisas agradáveis e te apoia em tudo, não é teu amigo de fato. Ainda que a amizade genuína seja banhada no oceano do amor, também é necessário que ela seja cultivada nos solos da verdade e sinceridade.** O atrito nos relacionamentos é necessário e faz bem pois, somente através dele, produziremos corte afiado. Quase sempre, porém, nós não gostamos do processo de afiação. Como os gordinhos que rejeitam a dieta, dizemos “estou bem assim”. Na realidade, não queremos arcar com os custos do atrito. A razão é sabermos que, **em se tratando de relacionamentos, sempre fica parte de nós no outro e vice-versa. Por essa razão, quando um relacionamento acaba, sentimos falta de algo. Se não for assim, não houve relacionamento, mas apenas o compartilhar de espaço físico.**

Todos nós somos produtos do meio em que vivemos. Somos o resultado dos nossos encontros. Somos quem somos, por causa daqueles com os quais nos relacionamos. Sendo assim, muito do que somos – para o bem e para o mal – se deve à qualidade dos nossos relacionamentos e amizades. Mas nem sempre percebemos isso. De forma que **nos enganamos quando pensamos que Satanás usará pessoas desconhecidas para nos atingir. Pelo contrário, o diabo tem se utilizado das amizades para atingir o ponto fraco das pessoas. Pense naqueles que já te magoaram ou feriram seus sentimentos de alguma forma. Eram amigos ou desconhecidos? A maioria era composta por pessoas comuns ou por gente que foi referência para sua vida em algum momento?**

Mesmo acometidos pelos mais diversos tipos de decepções ao longo da vida, ainda assim, precisamos nos relacionar. Em certo sentido, não devemos ir à igreja por causa de Deus, mas por causa de nós mesmos – até porque não servimos a Deus na igreja; nela servimos às pessoas. Mas na companhia dos nossos irmãos nós oramos melhor, louvamos melhor, partilhamos do momento da Palavra de forma mais prazerosa e nos alegramos com mais facilidade. Contudo, é aí que mora o problema. Na maioria das igrejas evangélicas, os relacionamentos não fluem como deveriam. Há certos bloqueios, certas dificuldades. Existem “nós” que precisam ser desatados. Mas para isso acontecer, precisamos primeiro estar cientes dos **“nós” que há em nós.** Portanto, estamos diante de duas questões. A primeira é: Quais são os “nós” que há em nós? A segunda questão é: Como podemos

desatar esses “nós”? Por meio do contexto da passagem bíblica citada inicialmente, é possível elencarmos pelo menos dois “nós” principais existentes em nós. Um influencia nossa relação com Deus. O outro influencia nossa relação com as pessoas. Nessa primeira parte trataremos do nó que influencia negativamente a nossa relação com Deus.

Na narrativa bíblica (v. 21) observamos que, após transmitir algumas instruções aos seus discípulos, “*Jesus perturbou-se em espírito e declarou: ‘Digo-lhes que certamente um de vocês me trairá’*”. O Senhor Jesus estava perturbado, frustrado, angustiado. Um dos principais “nós” que há em nós, é o nó externaliza o pior que existe dentro de nós. É o nó que entristece o coração do Senhor Jesus e nos assemelha a Judas Iscariotes, que era a razão da tristeza e do abatimento de Cristo. E quem é Judas Iscariotes? Vejamos:

Judas Iscariotes é alguém que não serve a Deus, mas se serve de Deus – “*Respondeu Jesus: ‘Aquele a quem eu der este pedaço de pão molhado no prato’. Então, molhando o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão*” (v. 26). Na cultura da época do Senhor Jesus, comer do prato de alguém revelava a disposição de ser servido em vez de servir. Não raramente nos tornamos consumidores de Deus e nos servimos daquilo que Ele tem, sem fazermos nada por aquilo que Ele é. Se deixarmos a nossa hipocrisia de lado, assumiremos que quase tudo o que dizemos ou fazemos em prol do Reino de Deus, gira na verdade em torno dos nossos interesses pessoais.

Judas Iscariotes é alguém que serve como alimento para Satanás e atua na escuridão – “*Tão logo Judas comeu o pão, Satanás entrou nele (...). Assim que comeu o pão, Judas saiu*” (vv. 27, 30). O diabo que deve nos preocupar não é aquele que, incorporado em um ser humano, ele grita, xinga, baba e faz ameaças de morte. Mas, sim, aquele que atua na pessoa sem lhe roubar o intelecto, sem suprimir a sua capacidade de raciocinar e decidir o que é certo ou errado; um diabo que usa a boca de um apóstolo (Pedro), logo após ele ser usado pelo Espírito Santo de Deus (cf. Mateus 16.16-23); um diabo que enche o coração de um casal (Ananias e Safira) até mesmo para ofertar a Deus (cf. Atos 5.1-3). Satanás se alimenta das nossas produções, daquilo que pensamos ou fazemos – “*Então o Senhor Deus declarou à serpente: (...) Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida... E ao homem declarou: (...) porque você é pó e ao pó voltará*” (cf. Gênesis 3.14, 17-19 – NVI).

Judas Iscariotes é alguém que age de forma pecaminosa, sem levantar suspeitas no meio da congregação – “*Tão logo Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. ‘O que você está para fazer, faça depressa’, disse-lhe Jesus. Mas ninguém à mesa entendeu por que Jesus lhe disse isso. Visto que Judas era o encarregado do dinheiro, alguns pensaram que Jesus estava lhe dizendo que comprasse o necessário para a festa, ou que desse algo aos pobres*” (vv. 27-29). Nenhum discípulo percebeu o que realmente havia no coração de Judas. Ninguém suspeitou do que Judas seria capaz de fazer quando não houvesse quem o observasse. Judas foi tão astuto que conseguiu (mesmo cheio de Satanás),

transparecer a imagem de alguém que só praticaria boas obras. Ele seria um belo exemplo de santarrão dos tempos modernos. Será que as nossas atitudes na presença de Deus e dos outros, é mesma quando estamos a sós ou quando não somos observados?

Se servir do que Deus tem, em vez de servir a Deus pelo o que Ele é; alimentar os desígnios de Satanás por meio das nossas produções ao longo da vida; e agir de forma pecaminosa, sem levantar suspeitas, quando não somos observados. Esses “nós” que há em nós, permanecerão em nós, se não houver mudança de postura da nossa parte, diante do exposto até aqui através da Palavra de Deus. Não é processo simples. O aspecto mais importante de um nó é a dificuldade em desfazê-lo. Quanto maior a quantidade de nós em uma corda, menor fica o seu tamanho. Os “nós” que há em nós reduzem gradativamente o espaço para o agir de Deus em nossa vida, em nossa família, em nossa história. Para piorar, há momentos em que em nós subsiste o chamado “nó cego”. Um nó que, além de ser cego, cega aquele que o tem e o faz enxergar apenas o que quer ver.

Um nó, quando bem apertado não se desata naturalmente. Ele precisa que alguém o desfaça. Os “nós” que há em nós não se desfarão sozinhos. Não deixarão simplesmente de existir depois de um tempo. Pelo contrário, continuarão a apertar, a comprimir, a sufocar e a diminuir em nosso interior a presença manifesta de Deus. É preciso que haja mudança da nossa postura, das nossas percepções sobre nossa função e missão neste mundo e, principalmente, é que preciso que haja a produção de mudanças em nosso coração, “*pois ele dirige o rumo de nossa vida*” (cf. Provérbios 4.23 – NVT). De dentro do “*do coração da pessoa, vêm maus pensamentos, imoralidade sexual, roubo, homicídio, adultério, cobiça, perversidade, engano, paixões carnis, inveja, calúnias, orgulho e insensatez*” (cf. Marcos 7.21-22 – NVT).

Que uma de nossas falas, em nossas orações diárias, seja: “*Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há em mim algo [algum ‘nó’, algum bloqueio] que te ofende e conduze-me pelo caminho eterno*” (Salmos 139.23-24 – NVT).

Soli Deo Gloria.

Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 06/05/2018, no congresso da família promovido pelo ministério de programas da Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha.